

*Amar indomável*





Coleção Arco-íris

# *Amor indomável*

WIND ROSE

**VIRA** **LETRA**

2ª edição

© 2007 por **Wind Rose**

A reprodução de parte ou do todo do presente texto, em qualquer meio físico ou eletrônico, é expressamente proibida sem a autorização prévia por escrito da editora, conforme garantido pela Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Rose, Wind

Amor Indomável / Wind Rose. – 2 ed. – Franca: Editora Vira Letra, 2016

388 p.

ISBN: 978-85-68395-16-5

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD: 869.93

---

A tod@s que de alguma forma incentivaram, apoiaram, contribuíram, torceram e/ou desejaram que esta história fosse publicada. E às que solicitaram e tornaram essa segunda edição possível. Especialmente:

Manu Neves, por ter nascido nesta época e as forças poderosas do universo colocarem-na em nossas vidas.

A Elaine Naves, pela assessoria profissional, proporcionando-me aulas de manejo e profilaxia equina.

A cada leitor@, anonim@ ou não, que em algum momento leu esta história e lá, nos longínquos tempos do “XIB”, desejou este momento.

A Diedra ... (Minha mulher)... Roiz, que me leu em cada linha, espaço e reticências e interpretou brilhantemente cada desejo indomável... Sem jamais perder as rédeas.

E...

A meu avô, que me colocou pela primeira vez sobre um cavalo.



Por Diedra Roiz

Há dois meses eu me sento e olho para a tela do computador vazia sem conseguir digitar uma letra sequer. Só aqui, em Bento Gonçalves, enchendo os pulmões dos ares do Rio Grande tão amado pela autora que, não por um acaso, é a mulher da minha vida, fui capaz de escrever essa apresentação. Misticamente – ou não – era assim que tinha que ser.

Mais do que uma grande honra e uma responsabilidade maior ainda, escrever sobre *Amor Indomável* é como retornar ao início do meu amor pela Wind. Hoje eu sei, tenho plena consciência de que, mesmo naquela época, não foi só pelo texto que me apaixonei.

Existe algo entre as linhas que me chamou, revelou... Verdades... Dentro de mim. É por isso que hoje estou aqui.

*Amor Indomável* foi o primeiro romance de Wind Rose que eu li e, mesmo depois de tantas outras obras magistrais por ela escritas, continua sendo aquele que tem um lugar especial no meu coração. De tudo que essa autora tão absolutamente singular já escreveu até esse momento, me parece que é um dos que melhor retrata, um dos textos em que ela mais imprimiu sua essência.

Não só pelo fato de nos mergulhar em um mundo que conhece tão bem: o dela.

Em se tratando de Wind, nada é simples. Ela é mais, muito mais... Assim como suas personagens.

Terra, fogo, mate e ventania...

Furacão, eu diria.

Ravelly, a mulher ideal, que permeia o nosso imaginário de uma forma muito próxima da perfeição... Quase uma força da natureza... Fluida, fugidia, efêmera... Como a fumaça da fogueira onde toca e enfeitiça... E ao mesmo tempo... Forte, metafórica e penetrante como o Minuano ou os versos da Querência.

Azul... Ou Cinza?

Pergunta que nos acompanha e conquista desde o início. E que pontua essa dualidade deliciosamente indissolúvel, mesmo depois do fim.

Como não desejá-la?

Como resistir?

Como negar, reprimir essa vontade, ou melhor: necessidade, por mais que seja um risco?

Impossível!

Neste ponto compreendo, me identifico com Luiza. Reconhecimento difícil de aceitar e admitir, pois, ao fazê-lo, me coloco cara a cara com os meus piores medos, fraquezas e erros. Todas as vezes que fugi, que me enganei, que menti... Para o mundo e para mim mesma. Todo o sofrimento que já causei e que já senti.

Por um lado Luiza é e representa isso.

Por outro... É o poder de transformação, redenção, restauração que o amor tem. Possibilitando uma felicidade verdadeira, um novo começo.

Luiza é isso também.

Ao invés de continuar aqui dissertando sobre essa história que amo tanto e já li e reli milhares de vezes, melhor convidar a tod@s para que a sintam.

Primeira publicação de Wind Rose, muito mais do que justo que seja exatamente este, um livro esperado e desejado desde sempre...

Um sonho dela? Meu? Não tem mais diferença.

Agora é de vocês.

Boa leitura!

Espero que se deleitem, pois eu irei...

Diedra Roiz

Bento Gonçalves, 08 de outubro de 2014



# SUMÁRIO

---

PRÓLOGO	13
SURPRESAS DA VIDA	15
SENSAÇÕES ESTRANHAS	37
REVELAÇÕES	45
EMOÇÕES À FLOR DA PELE	67
TESTANDO AS EMOÇÕES	77
SENTIMENTOS EXPOSTOS	87
COMO RESISTIR?	95
FALSAS VERDADES	103
A REALIDADE AMARGA	115
VERDADES CRUÉIS	131
À DISTÂNCIA	145
ENCONTROS	157
DESENCONTROS	175
DESACERTOS... E ACERTOS	183
VIDA QUE SEGUE	193
COMO FUGIR?	205

EVIDÊNCIAS	219
PERDAS... GANHOS...	233
É AMOR	245
ENCONTROS	251
ACERTOS	257
OMISSÕES E TRAIÇÕES...	267
MENTIRAS...	275
ARMAÇÕES DO DESTINO...	283
SURPRESAS E DECEPÇÕES	291
SOBREVIVENDO...	301
FRAQUEZAS EXPOSTAS	313
MAIS LONGE... MAIS PERTO...	323
REENCONTROS	337
A ENTREGA INEVITÁVEL	347
MAIS ALGUMAS SURPRESAS	359
ANGÚSTIAS QUE CONTINUAM...	367
QUASE O FIM...	373
É O FIM...	379
EPÍLOGO	385

# Ravelly

Não consigo me mover, meu corpo não responde.  
Acho que morri!

Não sinto meu corpo, tento um movimento novamente, mas é em vão.

Uma luz brilhante... Longe... Espectros. Sinto vontade de ir ao encontro dela, porém sempre vi nos filmes que essa luz representa a porta da eternidade. Tinha em mente que, quando a visse, deveria correr para o lado contrário.

Mas esta... Esta me mantém presa, como uma força gravitacional que me atrai, aquece e me faz querer mergulhar neste calor.

Se é a morte, eu a quero.

Assim como nos filmes, esses últimos momentos nos fazem percorrer rapidamente a nossa trajetória até o fim derradeiro. Ou será o começo?

Comigo não seria diferente.

Minhas lembranças me levam há três anos, o momento em que minha vida começou a ter sentido.



# Ravely

Abri os olhos devagar. A primeira imagem que vi foram duas garrafas de vinho vazias no criado mudo. Virei-me. Reconheci o teto, meu quarto. Senti a presença dela, a sensação de pavor me invadiu. Fechei os olhos. “Não, ela não está aqui”.

Sentei na cama e rapidamente, porém gentilmente, disse:

– Maiara... Acorde – falei baixinho, próximo ao seu ouvido, ao mesmo tempo em que balançava seu ombro.

Ela abriu os olhos, com um sorriso luminoso me deu bom-dia e murmurou uma reclamação:

– Já? Não. É cedo. – E tentou me puxar para cima dela.

– Não... Não é! E tu tem que sair daqui.

Levantei, puxando-a comigo, e nos sentamos.

– Tá... Tá... Já vou... Tô indo.

– Não podíamos ter dormido juntas. Se alguém nos pega assim, vai ser difícil explicar.

– Seria ótimo, assim tu poderia me assumir de uma vez – falou sorrindo enquanto se vestia e se divertia com o meu desespero.

– Não brinca, teu pai me mata se descobre e... E

depois te mata também.

– Deixe de ser boba, Ravelly, meu pai daria graças a Deus... Assim ia poder tirar algum dinheiro de ti.

– Espere, vou olhar para ver se tu pode sair. Tome cuidado... Tua mãe já deve estar na cozinha.

Fui até a porta e a abri o suficiente para verificar se o corredor estava vazio. Fiz sinal para que ela saísse, mas, antes, ela me puxou pelo pescoço e colou seus lábios nos meus.

– Adorei – falou antes de sair.

Fechei a porta, respirei fundo.

– Essa menina ainda vai me dar problema.

Entrei no banho lembrando-me da noite maravilhosa, ela me encantava. Com seus 19 anos, já era uma bela mulher. O suspiro de satisfação serviu de passagem de uma realidade para outra. Logo meus pensamentos se voltaram para as atividades que teria durante o dia. Procurei organizar mentalmente o tempo para desenvolvê-las enquanto colocava a calça jeans e uma camisa xadrez azul e preta... Amarrei. Bota de cano longo, prendi meu cabelo, peguei meu chapéu e sai em direção à cozinha.

Encontrei dona Jaci preparando a mesa para o café e o pequeno Matheus, filho caçula de dona Jaci e irmão de Maiara, sentado em uma cadeira infantil próximo à mesa. Passei por ele e o beijei no único lugar possível e

sem marcas de mingau: no alto da cabeça.

– Bom dia, Ravely. Dormiu bem, minha filha?

Olhei para ela com um sorriso amarelo de culpa.

– Bom dia! Dormi sim – respondi sem graça e olhei para Matheus, que batia a colher no prato espalhando o mingau para todo lado.

Dona Jaci foi até ele e tirou o prato de sua frente, rapidamente.

– Que menino! – falou batendo levemente em sua mão e continuou:

– Sua mãe acordou cedo e foi pra cidade com o Arthur. Pedeu que eu te lembrasse de não se esquecer da moça que chega hoje, Virgílio foi buscá-la na rodoviária.

– Não esqueci, mais essa agora...

Estava com muitas coisas para fazer no Haras e ainda teria que pajear a enfermeira.

“Minha mãe inventa cada uma, por que não ficou pra recebê-la?”

Terminei o café rapidamente e saí.

Parei na porta da sede da fazenda e a manhã me recebeu. Aspirei os aromas profundamente e os reconheci. Fechei os olhos.

Deixei o ar invadir os meus pulmões, amava essa sensação. Difusão...

Desde que havia retornado para a fazenda, depois de três anos estudando nos Estados Unidos, estava

assumindo aos poucos a administração do Haras que meu avô idealizara e minha mãe, filha única, herdou. Logo depois da morte de meu avô, coube a ela o controle, mas, agora, aos poucos, transferia-o para mim, pois minha irmã mais velha, Ravena, preferia dedicar-se à medicina. Ela morava em Porto Alegre, onde se casou e montou uma clínica junto com seu marido. Meu pai morreu jovem, um acidente de trator na fazenda o levou, deixando-me com dois anos e minha irmã Ravena com cinco.

Minha mãe nunca mais se casou, embora desconfiássemos que ela mantinha um caso secreto com um dos peões, o senhor Virgílio, que desde a morte de meu pai passara a ser nosso guia, conselheiro, amigo. Nunca se afastou de nós, tampouco da fazenda.

Desde meu retorno, há seis meses, eu procurava me inteirar da administração, mas minha paixão era o trabalho com os animais. O Haras Santa Esmeralda era reconhecido e premiado em diversas feiras e eventos pelo plantel de Mangalarga. Possuía uma estrutura invejável com vários piquetes, pistas de treinamento, pistas de provas, redondel, escritório, quarto de selas, baias, uma extensa área de pastagens e riachos, tendo a seu dispor uma equipe de veterinários, zootecnistas e geneticistas, todos de alta qualificação. Além da venda de animais com pedigree, comercializávamos sêmen e coberturas. Os funcionários, em sua maioria, residiam no Haras,

que possuía uma pequena vila onde fora construído um ambulatório médico, no qual atenderia a nova enfermeira contratada. Os casos graves, caso houvessem, seriam encaminhados para a cidade mais próxima.

Agadah já estava encilhada. Desci as escadas, soltei as rédeas e fui caminhando com ela me seguindo.

No pasto ao lado, os cavalos corriam, descendo a colina que terminava no riacho. Eu amava aquela sensação de liberdade que sentia ao vê-los assim. Parei e Agadah parou também. Resolvi montar.

Os peões já deviam estar esperando, e fui num galope rápido em direção ao redondel, um curral redondo com dois metros e meio de altura e mais ou menos dezessete metros de diâmetro onde ocorria a doma e o treinamento dos animais.

Ao chegar, já vi o potro de pelagem negra e ativo, que caminhava nervoso de um lado para o outro, totalmente perdido na nova situação. Os homens me esperavam, pois uma das mudanças que empreendi foi com relação à doma. Nos três anos que morei nos EUA, me especializei em comportamento animal e meu principal objetivo, logo que cheguei, foi mudar a relação que existia com os animais, não admitindo mais o tratamento agressivo que era comum na doma e tradicional na região.

Estava, aos poucos, ensinando-os uma nova maneira de tratar os animais, e uma das formas era a “doma gentil”, sem agressões e, principalmente, estabelecendo um

elo de confiança entre o homem e o cavalo. Os peões estavam aprendendo a reconhecer e respeitar os sinais emitidos pelo animal e, aos poucos, efetuar uma aproximação sem traumas.

Lembrei-me da primeira vez em que entrei no redondel: percebi os olhares de desconfiança por parte de todos, eles não acreditavam que aquele animal “xucro” me deixasse montá-lo, achavam que eu cairia antes do primeiro segundo e me machucaria. Enfrentei a fúria de Virgílio. Ele não queria que eu fizesse, disse que não ficaria ali para ver sua menina se quebrar e sumiu... Depois de algumas horas de muita paciência e aproximação, percebi os olhares de surpresa e admiração quando coloquei a sela e montei. Desde então os tenho ensinado o novo trato, que eles aprendem com muito interesse.

Naquele dia, pela primeira vez, um dos peões iria efetuar o trabalho. Quando me aproximei, percebi que ele estava apreensivo.

– Então Josias... Pronto? – Sorri para ele.

– Não sei, dona Raveli... Ainda não sei...

– Não se preocupe. Vamos! – Coloquei a mão em seu ombro e fui com ele até a porteira do redondel. Tentei tranquilizá-lo: – Não esqueça que a doma, antes de tudo, é respeitar o cavalo, compreendendo-o e assegurando sua necessidade básica do instinto, sua autopreservação. Se ele quiser escapar, deixe-o... Não o pressione nunca! Agora vai...

Não desviei os olhos do animal, queria perceber se os sinais estavam sendo respeitados por Josias. Fiquei observando os movimentos do peão e do animal e percebi que não demoraria muito para que a confiança fosse estabelecida, Josias estava se saindo muito bem. O silêncio era quebrado apenas pelo barulho das patas do cavalo e pela voz suave de Josias, que emitia sinais de comando e aproximação, informando ao cavalo todos os movimentos que fazia.

Aos poucos ia fechando o círculo ou dando-lhe mais rédea quando pedia. Consegui a aproximação e começou a colocar a rédea no pescoço do cavalo quando, de repente... Um som estridente fez com que o silêncio fosse invadido. O cavalo assustou-se e levantou as patas dianteiras, atingindo Josias e o derrubando. Enquanto eu corria para dentro do cercado, rapidamente identifiquei, com uma breve olhada, a causadora daquele caos. Ela jogou o celular no chão e entrou também no cercado, tentando desviar-se dos pulos do animal. Os peões tentavam conter o cavalo, que a essa altura distribuía coices para todo lado, não deixando ninguém se aproximar.

Caminhei até o peão, que ainda estava no chão.

– Josias...

Ele me olhou e percebi que estava bem, apenas balancei a cabeça positivamente para ele e fui em direção ao cavalo que se debatia. Percebi quando ela ajoelhou-se

ao lado de Josias. Nossos olhares se cruzaram por uma fração de segundos.

– Pode me deixar ver, fique calmo – ela disse a ele.

Josias sentou-se e limpou o sangue do rosto, ela segurou seu rosto com as mãos, observou-o e disse, tranquilizando-o:

– Foi um corte, mas não foi profundo, podemos resolver com um curativo.

– Tudo bem, dona... Tô bem... Não precisa se preocupar – Josias falou já se levantando, batendo a terra das roupas.

Tentei ajudar os outros a conter o potro e fazê-lo sair do redondel. Depois de muitos pulos, passou pelo portão e correu em um galope alucinado pelo pasto. Peguei meu chapéu no chão, que caíra durante o embate, limpei-o e falei em direção a Josias:

– Vai cuidar desse corte, agora mesmo! – Virei-me para sair e no mesmo momento ouvi a voz suave e baixa:

– Desculpa.

Respirei fundo e, pela primeira vez, meu olhar parou nela, os raios do sol impedindo-a de manter o dela em mim – com a mão, ela protegia os olhos da claridade. Os segundos que seguiram foram para que eu recuperasse minha razão. Falei, demonstrando segurança:

– Da próxima vez que vier aqui, desligue o celular! E não entre aqui, pode se machucar – respondi irritada e com pressa, enquanto colocava meu chapéu.

– Sim, senhora – falou, marcando as letras e sorrindo de forma irônica.

Algo nela me fez querer montar em Agadah e galopar em direção ao horizonte. Fugir. Acho que foram aqueles olhos castanhos brilhantes que me olhavam com intensidade e culpa ou o cabelo louro com mechas escuras, que balançava com o vento e que, a todo o momento, ela afastava do rosto. Ou aquele corpo que atraía meu olhar como um ímã. Ou aquele jeito, petulante, de me olhar... Ou o cheiro delicioso que senti ao passar perto dela.

Se soubesse que minha vida estava para mudar naquele momento, teria prestado mais atenção aos detalhes e a lista seria maior. Voltei a respirar, virei-me e fui em direção aos peões, que me esperavam já fazendo piadas de Josias.

Virgílio veio em minha direção sorrindo e tentou amenizar a situação:

– Minha menina, ela não teve culpa.

– Podia tê-la avisado quanto ao barulho.

– E perder essa cena? Nunca! Fazia tempo que não tínhamos emoção por aqui. – Soltou uma gargalhada olhando para Josias e completou:

– Vou levá-la para o escritório, te esperamos lá.

– Caminhou em direção a ela que, naquele momento, alheia ao meu descontrole interno, procurava o celular no chão.

– Vou daqui a pouco – respondi e caminhei em direção aos homens que ainda estavam por ali.

Cheguei ao escritório e encontrei Virgílio na porta, me aguardando.

– Por que tu demorou tanto?

– Precisei ver alguns animais antes de vir pra cá. – Entrei, ele me seguiu.

Ela estava sentada próximo à grande mesa, que ficava no centro do escritório e que utilizávamos para reuniões, e olhava para as reentrâncias da madeira. Me viu e se levantou, Virgílio falou primeiro.

– Agora sim, podemos fazer as devidas apresentações. Ravelly... Luiza.

Ela me estendeu a mão, fiz o mesmo. Quente, macia... Um olhar. Desviei.

Tirei o chapéu, joguei-o sobre uma cadeira. Olhei-a, esperei, e ela falou:

– É um prazer e... Desculpe-me, novamente. – Sorri demonstrando constrangimento sincero. Respondi:

– O prazer é meu e... – Por um momento nossos olhares se encontraram e, como se já não lembrasse mais o que deveria dizer, nem o motivo pelo qual ela se desculpava, pensei e consegui continuar: – Tudo bem, ninguém se machucou. – Só então soltei sua mão. E não resisti, olhei-a por inteiro.

Vestido branco, com a parte de baixo suja de terra, estampado com pequenas flores azuis, alças fininhas,

pequenos botões que começavam na cintura e terminavam em um lacinho no decote. O cabelo agora preso no alto da cabeça, alguns fios caindo próximo ao rosto.

Respirei buscando realidade, chão firme... Pensei nos potros que deveriam ser vacinados, nas matrizes que estavam para dar à luz, em qualquer coisa que não lembrasse... Ela.

– Vou deixá-las... Tenho que ir até as baias... – Virgílio se aproximou de Luiza e estendeu-lhe a mão.

– Foi um prazer, senhorita Luiza, nos vemos depois. Vai ficar em boas mãos.

Ela retribuiu o cumprimento, e ele saiu. Sentei-me do outro lado da mesa e comecei a falar:

– Bem, normalmente é minha mãe que cuida dos assuntos da vila e dos funcionários, mas como ela teve que ir até a cidade...

Ela interrompeu antes que eu terminasse a frase:

– Sobrou pra ti fazer esse papel desagradável. Não precisa disfarçar. Estamos a sós. Já percebi. – Ela me olhava de forma desafiadora e irônica. Respirei fundo antes de perguntar:

– Percebeu o quê, moça?

– Percebi que prefere os animais... Dona... Ravelly.

Sorri com condescendência, afinal, ela era perspicaz.

– É uma acusação? Não vejo problemas nisso... Moça.

– Meu nome é Luiza. E não estou criticando, pouco me importa. Apenas acho que deveria ter se preocupado

com seu funcionário.

Tentei não deixá-la perceber o quanto sua presença me perturbava, sentia vontades irreveláveis só de olhar para ela. Mas realizei uma dessas vontades provocando-a, queria ver mais dela:

– E posso saber como chegou a essa conclusão, se não me conhece?

– Ora, foi muito fácil: bastou ver a forma como agiu mais cedo. Tua preocupação foi com o cavalo enquanto o homem ficou estendido no chão.

Levantei-me, irritada com o pré-julgamento.

– Olha aqui, não preciso ser enfermeira pra saber que ele estava bem. Bastou uma olhada pra ver que Josias levantaria em segundos. Agora o animal, que, por sinal, tu deixou daquele jeito, estava completamente desorientado, precisava mais de mim do que Josias.

– Já pedi desculpas, mas parece que tu acha que fiz de propósito. – Ela terminou a frase de pé e quase aos gritos.

Seu olhar me invadia, tentei me acalmar. Baixei o tom da voz ao responder:

– Não. Tudo bem. Acredito que foi sem querer. – Baixei meu olhar para a mesa em nossa frente.

Por incrível que pareça foi com os cavalos que aprendi como lidar com os seres humanos. Sentei e fiz sinal para que ela sentasse também. E decidi aliviar, afinal, não havia sentido naquilo.

– Acho melhor começarmos a tratar das questões referentes ao teu trabalho aqui – falei com a voz pausada, percebi que a desarmeí momentaneamente.

Sentou-se.

– Desculpa, não estou aqui pra julgar tuas atitudes. Vamos tratar do que interessa, assim tu te livra logo de mim – terminou a frase, que saiu baixo.

Não respondi, levantei e fui até minha mesa. Peguei uma pasta e a trouxe até onde ela estava.

– Estes são os documentos que precisa providenciar e assinar. – Estendi a pasta, ela pegou e a abriu...

Limitou-se a dizer, sem levantar o olhar:

– Vou providenciar tudo o mais rápido possível.

– Ótimo... Agora vamos até o ambulatório.

Levantei e fui na direção da porta. Abri e esperei que ela passasse. Senti aquele cheiro novamente.

Abri, também, a porta da caminhonete para ela entrar. Segurou o vestido, puxou-o um pouco para cima para poder levantar a perna, disfarcei um olhar. Ela sorriu agradecendo, o suficiente para derrubar todas as minhas defesas. Fechei a porta e fiz a volta para entrar no carro. Durante parte do caminho, não falamos nada, ela olhava para a paisagem e para os cavalos no campo ao lado. Passava rapidamente, pois eu pisei fundo. Teria chegado em menos de 15 minutos, mas quando eu menos esperava, ouvi-a:

– Por favor, pode parar um pouco aqui?

Como estava absorta em pensamentos inconfessáveis,

não entendi o motivo, mas pisei no freio, fazendo o carro derrapar na areia. Ela me olhou assustada:

– Nossa! Não era para tanto. – Abriu a porta, fiquei tentando entender, desci também e fui falando:

– Tu me assustou, achei que tinha algo errado, sei lá.

Ela sorriu para mim enquanto pulava para chegar perto da cerca e falou:

– Achou o quê? Que eu ia me jogar? Não tem esse poder.

Não compreendia a razão, mas ela conseguia me fazer perder o controle.

Respondi com uma pontinha de sarcasmo:

– Podia querer vomitar ou algo parecido.

Não respondeu, apenas me olhou com desdém e conseguiu chegar do outro lado. Antes que eu perguntasse qual era a intenção dela ao pular o barranco e se pendurar na cerca, ela levantou o celular e começou a fazer fotos do pequeno potro ao lado da mãe, que estavam a poucos metros da estrada. Fiquei observando por alguns momentos a cena inusitada pois, para mim, a paisagem que ela fotografava era algo comum e corriqueiro.

Respirei fundo e retornei ao carro, esperei.

Ficou por alguns minutos e retornou, novamente, com o mesmo gesto: levantou parte do vestido, e, desta vez, não disfarcei meu olhar.

Em pouco tempo, estacionei na frente do ambulatório, que ficava no centro da vila, ao lado de um armazém

e de uma pequena capela. Desci rapidamente e, antes que ela conseguisse sair do carro, pois se virou para pegar a bolsa no banco de trás, ajudei-a, abrindo a porta. Sorriu, novamente.

“Por que não para de sorrir assim?”

Meu pensamento fazia as perguntas tentando compreender as respostas.

Entramos e mostrei a ela o ambulatório. Consistia em uma sala de espera, com sofá e cadeiras, uma outra sala maior com toda a estrutura necessária para os primeiros socorros, um banheiro e um quarto anexo com cama e armários.

– Muito bom, percebi que é muito bem estruturado e equipado – falou, de costas para mim, abrindo o armário de medicamentos.

Não pude deixar de analisá-la, desci o olhar pelas suas costas, ela se virou. Disfarcei. Falei rápido:

– E caso precise de algo, basta pedir a Arthur que ele providenciará imediatamente.

– Ótimo – falou com aquele olhar brilhante. Tentei manter o diálogo:

– A casa em que tu vai morar fica aqui do lado e deve ficar disponível em quinze ou vinte dias. Estão fazendo uma pequena reforma, servia de depósito. Então precisa de alguns ajustes.

Ela ouvia atenta, continuei:

– Durante o dia, pode fazer as refeições na casa da

Júlia, que fica aqui na frente, é onde os funcionários que não possuem residência no Haras fazem as refeições, existe um pequeno refeitório. Mas pode ir até a sede, também...

Novamente nossos olhares se encontraram.

– Posso ficar aqui mesmo até a casa ficar pronta. Acho que prefiro.

Virei em direção a porta e fui imperativa:

– Não! Minha mãe arrumou um quarto pra ti na sede. Até a casa ficar pronta, tu ficará lá. Podemos ir? Tenho algumas coisas pra fazer ainda...

Não pensei em recusa, nem questionamentos por parte dela, mas ela os fez:

– Não quero incomodar. Fico aqui, o quarto é ótimo e...  
Interrompi antes que ela terminasse a frase:

– Não! Tu voltas comigo!

Não foi um pedido. Silêncio. Até que ela recomeçou:

– Tu sempre age dessa forma?

De novo aquele olhar. Provocador... Desafiante...

– Que forma? – Retribui o olhar.

– Sem dar opções de escolha aos outros?

Me irritou.

– Olha aqui, tu tens opção sim. Pode ir pra rodoviária e voltar para o lugar de onde veio.

Ela sorriu e se aproximou.

– É o que gostaria, não é? Sei que não gostou de mim e daria graças a Deus se me visse ir embora, mas não vou!

– Chegou bem perto e continuou: – Tudo bem, senhorita

“dona do mundo”. Vou contigo... Mas não pense que é porque tu estás mandando, mas por dona Augusta.

E saiu me deixando sem saber o que dizer...

“Que mulher é essa?!”

Fechei a casa enquanto ela me aguardava dentro do carro. O retorno foi da mesma forma, silencioso e rápido. Estacionei na frente da sede, desta vez não abri a porta para ela, desci do carro e subi as escadas que davam acesso à entrada principal. Olhei para trás e ela ainda estava fechando a porta do carro.

Dona Jaci nos esperava na porta.

– Até que enfim, estava esperando com o almoço na mesa.

– Dona Jaci... Essa é Luiza, vai assumir o ambulatório, mostre a ela seu quarto. Acredito que a bagagem dela já deve estar lá e... Não vou almoçar, tenho umas coisas pra fazer. – Desci as escadas rapidamente.

– Ravely, minha filha, tu pode fazer depois que almoçar.

Mas já era tarde, antes dela terminar de falar eu já estava entrando no carro, mas ainda a tempo de ouvir:

– Nossa... Nem se despediu.

– Não liga, filha, ela é assim, mas é um amor. Vem, vamos almoçar, tu deve estar com fome.

– É... Estou.

Dona Jaci a enlaçou pela cintura e puxou-a para dentro.

# Luiza

“Um amor... Sei.”

Entrei na casa e fiquei encantada com a decoração. A rusticidade contrastava com uma suavidade, só percebida nos detalhes, e o bom gosto era evidente. O chão de tábuas largas rangia a medida que andávamos, dando vida àquela casa antiga.

Após o almoço, dona Jaci me levou até o quarto. Espaçooso, com uma enorme cama próximo à janela e alguns móveis de madeira rústica seguindo o padrão da casa, as cortinas brancas de um tecido leve davam um ar mais suave ao local.

– Fique à vontade, suas coisas já estão aqui, ali naquela porta é o banheiro e acho que vai gostar da cama. Qualquer coisa que precise é só avisar. À noite faz frio, mas a casa é quente – ela falava sem respirar até que alguém bateu na porta e a abriu devagar. Dona Jaci olhou na direção da pessoa e deu continuidade ao monólogo.

– Maiara, minha filha, esta é a senhorita Luiza, a enfermeira que vai cuidar do ambulatório da vila. Vem conhecê-la!

A menina entrou, pude vê-la melhor. Muito bonita, alta, morena, cabelos escuros cacheados, olhos esverdeados, seios fartos.

– Muito prazer, Maiara. – Sorri para ela. Percebi seu

olhar avaliativo, esperei que ela retribuísse o sorriso, mas permaneceu séria.

“O que essas mulheres daqui têm?”

– Muito prazer.

Soltou minha mão e saiu rapidamente.

– Maiara ainda é uma criança, mora na capital para estudar, mas sempre vem nas férias que, por sinal, estão acabando – disse dona Jaci, dirigindo-se à porta.

– Muito obrigada por tudo, a senhora é muito gentil.

– De nada, filha. E qualquer coisa é só pedir, descanse e arrume suas coisas, dona Augusta só vem de noite. Ah! E esse quarto, quase em frente ao seu, é da Ravelly, o do final do corredor é de dona Augusta, o outro está vazio. – Saiu e fechou a porta.

Me joguei na cama macia e fiquei olhando para o teto, tentando recapitular o que tinha acontecido até ali, desde minha chegada em Santa Esmeralda.

Quando dona Augusta me convidou para trabalhar no Haras, aceitei rapidamente, por impulso, como a maioria das coisas que faço na vida. Ao chegar, imediatamente adorei o lugar. Fechei os olhos e refiz o caminho. Uma fazenda linda, uma paisagem deslumbrante. Dos dois lados da estrada, um pasto maravilhosamente verde... Os cavalos correndo acompanhando o carro... Ela.

Se não fosse os episódios que se seguiram, podia dizer que havia chegado ao paraíso. Não resisti quando o

senhor Virgílio disse que estavam fazendo uma doma e, na mesma hora, pedi para ver. Ele não queria, mas insisti.

Ele deixou o carro longe e fomos andando até o local, quando chegamos fiquei próximo aos palanques que circulavam o cercado que ele chamava de redondel, mas não pude deixar de perceber aquela mulher do outro lado. O chapéu não me dava visão completa do seu rosto, mas percebi a beleza dos traços e do contorno do corpo dentro daquela calça jeans desbotada. A camisa amarrada, os dois botões de cima abertos... Não conseguia desviar meu olhar, que era encoberto pelo cavalo que circulava e passava na frente dela. Percebi seu olhar fixo no animal, até que... Meu celular quebrou o silêncio.

Consegui pegá-lo na bolsa, mas o que se seguiu não me deixou atender, joguei-o longe. Vi o rapaz jogado ao chão e não pensei duas vezes, passei pelo meio dos palanques e entrei correndo em direção a ele, desviando do cavalo que pulava feito um louco. Ajoelhei-me ao lado dele ao mesmo tempo em que vi o olhar dela... Azul? Cinza? Reprovação.

Percebi que não ocorrera nada grave com o rapaz, mas me irritou a falta de preocupação dela com o homem, que ficou estendido no chão enquanto ela passava direto por ele e ia em direção ao cavalo. Porém, precisava me desculpar. Tentei, mas não consegui... E embora não tenha demonstrado a menor simpatia por mim, adorei quando me surpreendeu abrindo a porta do carro.

Linda... O olhar, os cabelos negros... Pensei neles soltos ao vento. E as formas naquela calça jeans...

“Que isso, Luiza? Deve ser falta de sexo, só pode! Além do mais, aquela mulher é uma grossa, tratou muito melhor o cavalo do que a mim. E ainda me mandou embora... Quem ela pensa que é!”

Tentei desviar meu pensamento dela.

Virei-me na cama, fechei os olhos e pensei em André. Vontade de suas mãos em mim... Adormeci, mas sonhei com uma linda mulher cavalgando.